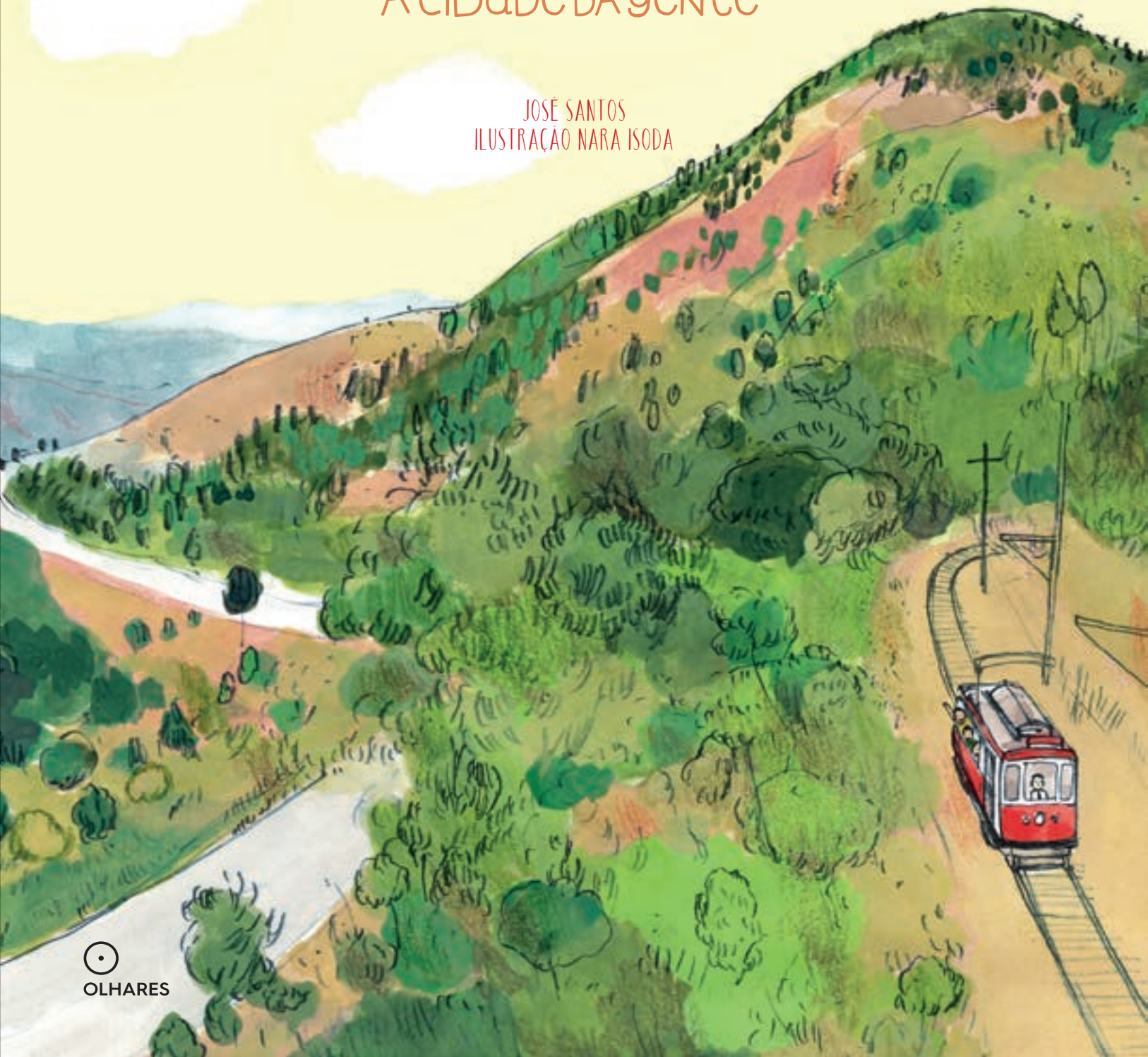


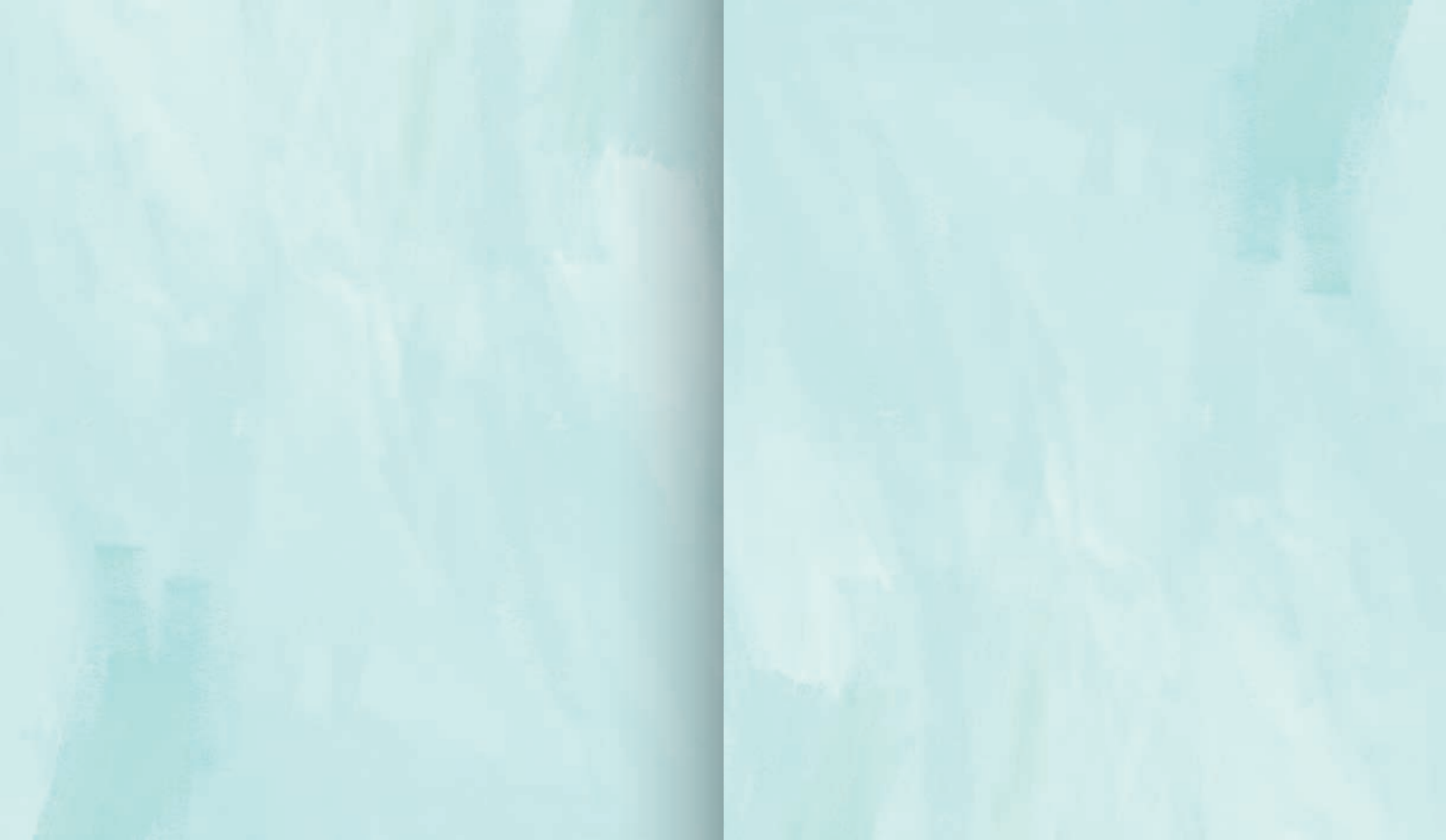
PINDAMONHANGABA

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS
ILUSTRAÇÃO NARA ISODA



OLHARES



PINDAMONHANGABA

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS

ILUSTRAÇÃO NARA ISODA



OLHARES

São Paulo 2017



Educação que transforma

Já se foi o tempo em que os setores público e privado caminhavam separados. Nos dias de hoje, é necessário que ambas iniciativas caminhem lado a lado por um bem comum: a transformação da sociedade. E essa transformação só ocorrerá com o incentivo à Educação.

O projeto A Cidade da Gente viajou por cidades brasileiras e levou alunos da rede pública aos principais núcleos históricos e pontos turísticos de seus municípios, tendo como resultado a publicação de uma coleção de livros. Com o patrocínio da Novelis, por meio da Lei Rouanet, as impressões coletadas e retratadas pelo autor José Santos, em Pindamonhangaba, dão vida a este livro. De forma colaborativa, esta obra visa a disseminar as memórias da cidade, ampliando a percepção das crianças sobre sua identidade e o ambiente onde estão inseridas. É entender o passado para traçar melhores planos futuros!

A Novelis é líder mundial em laminados e reciclagem de alumínio. Incentivamos nossos profissionais a serem protagonistas dos processos de evolução da sociedade, com respeito às raízes de nossos povos e em favor da igualdade de direitos e oportunidades, independentemente de cor, raça, gênero ou idade. Por meio de ações e projetos pautados em Educação, Segurança e Reciclagem, contribuimos para a construção de um futuro melhor e mais seguro para nossos jovens.

A seguir, acompanhe os resultados deste incrível trabalho.

Eunice Lima

Diretora de Comunicação e Relações Governamentais
Novelis América do Sul



Apresentação

A vida é construída de momentos inesquecíveis. Entender, resgatar e valorizar essas lembranças nos ajudam a aprender com o passado para construir um futuro melhor. Com esse lema, a coleção A Cidade da Gente investiga a história e o cotidiano de pequenas e médias cidades brasileiras, em parceria com crianças e professores de escolas públicas. O resultado são livros infanto-juvenis que se constituem em verdadeira referência de conhecimento, apoiando a perpetuação e a disseminação das memórias dessas cidades e ampliando a percepção das crianças sobre sua identidade e o ambiente em que vivem.

O processo de produção deste livro envolveu momentos mágicos de interação do autor, o escritor José Santos, com a comunidade das escolas da rede municipal de Pindamonhangaba, mesclando memória e literatura.

O patrocínio da Novelis e a parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Pindamonhangaba foram fundamentais para a viabilização desse projeto e a distribuição gratuita de sua tiragem!

Boa leitura.

Sumário

- 10 Serra da Mantiqueira
- 16 Igrejas históricas
- 20 Malha ferroviária
- 26 Fazenda Mombaça, Bairro Mombaça
- 32 Bosque da Princesa
- 38 Museu Histórico e Pedagógico
- 46 Culinária
- 54 Festas populares
- 62 Centros esportivos
- 68 Escola Alfredo Pujol





Quem olhar no mapa verá a nossa cidade bem no sudeste do estado. Estamos em São Paulo, mas a 50 km de Minas Gerais e 100 km do Rio de Janeiro, no famoso Vale do Paraíba, entre duas grandes cadeias montanhosas. É graças a essa proximidade das serras da Mantiqueira e do Mar que Pindamonhangaba possui um clima ameno e uma deslumbrante vegetação.



A cidade possui centenas de empresas e é o maior polo de reciclagem de latas de alumínio da América Latina.

No passado, quando o principal produto do Brasil era o café, sua plantação dominava todo Vale do Paraíba. Entre 1840 e 1860, Pindamonhangaba era a maior produtora de café da região, e essa riqueza ainda pode ser vista nos muitos palacetes e casarões pertencentes aos "barões do café".

Para contar histórias de Pindamonhangaba, envolvendo nosso patrimônio material, ambiental e imaterial, o projeto *A cidade da gente* teve uma parceria bem legal com os alunos, professores e funcionários das escolas municipais Dr. Francisco de Assis César, Arthur de Andrade, Dr. Angelo Paz da Silva e Profª Maria Aparecida Arantes Vasques.

Depois de meses de trabalho, chegou a hora de apresentar o tão esperado livro, um livro de tantos autores, voltado à educação patrimonial, reunindo o olhar amoroso de crianças e adultos à sua cidade. Um livro que poderá ser utilizado pelas escolas da cidade ao longo dos anos, ensinando muitas gerações a valorizar nossa história e o lugar onde vivemos. Viva Pindamonhangaba!

Todo mundo quer saber o que significa Pindamonhangaba: essa palavra vem do tupi guarani e significa "onde se fazem anzóis". Pois ficamos à beira do rio Paraíba do Sul e a pesca sempre fascinou quem morou por aqui, desde os povos indígenas.

A cidade comemora seu aniversário em julho, pois foi escolhida a data de 10 de julho de 1705, a da nossa emancipação política, para esse marco. Já temos mais de 300 anos!

Moram na cidade muitas crianças. Milhares e milhares, pois nossa população é estimada em 164 mil habitantes. Suas famílias trabalham em muitas atividades, como no setor de serviços, na agropecuária e na indústria.



Serra da Mantiqueira

Em qualquer lugar que estivermos, seja no bairro, seja no centro, tem algo que sempre se destaca na paisagem de Pindamonhangaba: é a Serra da Mantiqueira. Ela é um marco na geografia brasileira, e divide três estados: Minas Gerais, que se espalha por trás de toda a sua cumeeira – o topo da serra –, e Rio de Janeiro e São Paulo, por onde o rio Paraíba corre acompanhando essa linda cadeia de montanhas.

Um dos picos mais altos da Mantiqueira é o nosso Pico do Itapeva, que tem 2.025 metros de altura. Quem chega lá em cima tem o privilégio de avistar sete cidades. Quais serão elas?

É uma das maiores quedas livres de água da serra está na região da velha Usina Izabel. Graças a ela, com 930 metros de altura, a usina podia funcionar, gerando energia para Pindamonhangaba e outras cidades da região.






A Mantiqueira ainda tem muitas regiões intocadas, o que é fundamental para preservar a natureza e sua diversidade de espécies. Os bichos são muitos, alguns inclusive que só existem aqui. Vamos olhar para cima e falar das aves. Aqui fazem seus ninhos os jacus, tucanos, sabiás, bem-te-vis e pavós.




Em meio à enorme variedade de árvores, vivem e se reproduzem o ouriço caixeiro, o esquilo, o lobo guará, o cachorro vinagre, o bugio, a paca, a suçuarana e a jaguatirica. Há pouco tempo, foi descoberta cá na serra uma nova espécie canina, o pastor da Mantiqueira.

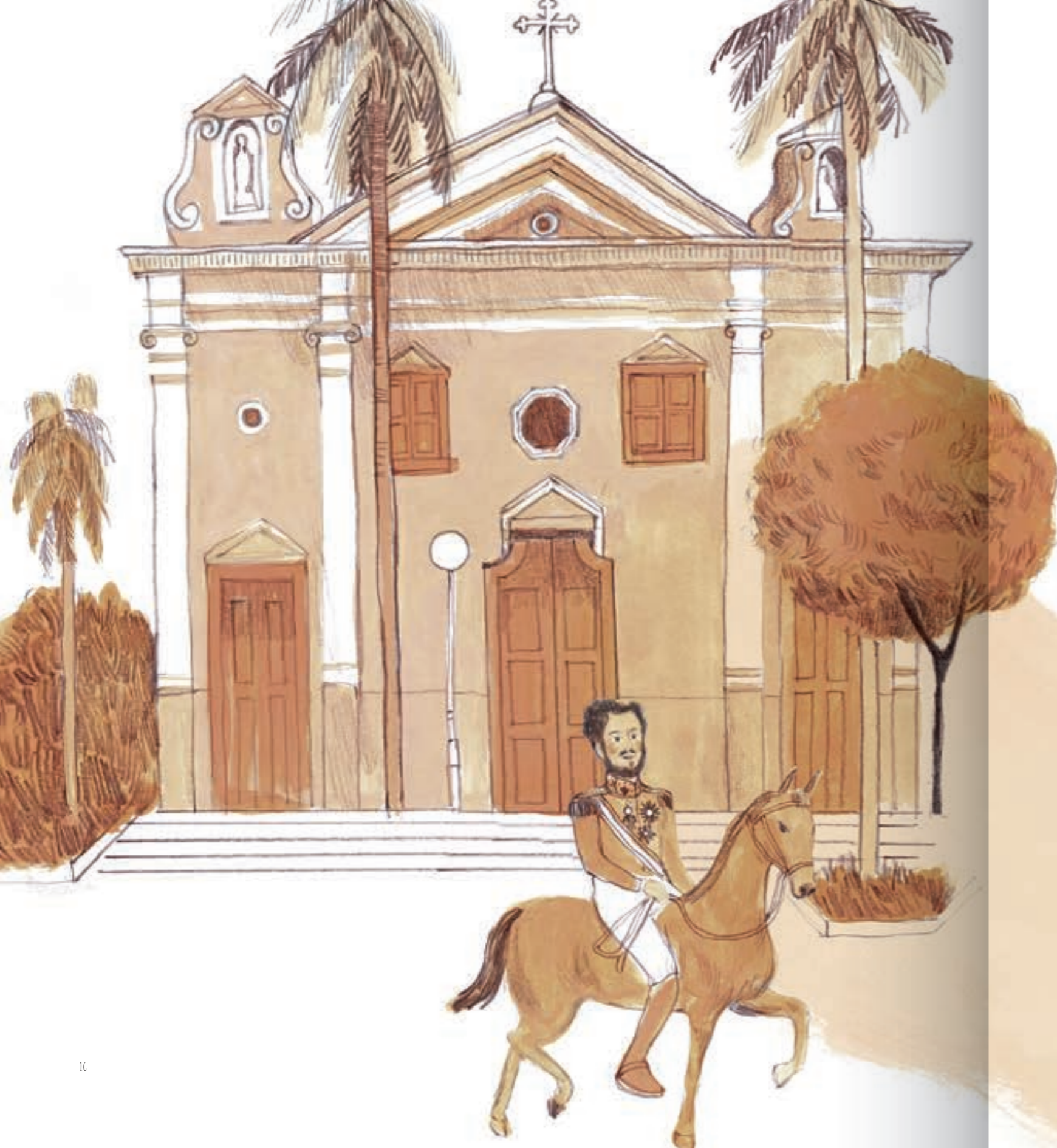




Agora, é a vez do Parque Trabiju.
A palavra vem da língua tupi e quer dizer:
água que brota do monte. Esse grande
pedaço de Mata Atlântica está protegido
na forma de parque, aberto à visitação de
todos. L a vamos encontrar grandes árvores
como a figueira, o jequitibá e o ipê.



Não   à toa que aquela área é
chamada de Serra do Palmital,
pois também se pode ver em muitos
lugares o palmito-juçara. Seus
frutos, quando maduros, formam
cachos roxinhos e alimentam mais de
70 espécies de animais.



Igrejas históricas

IGREJA DE SÃO JOSÉ

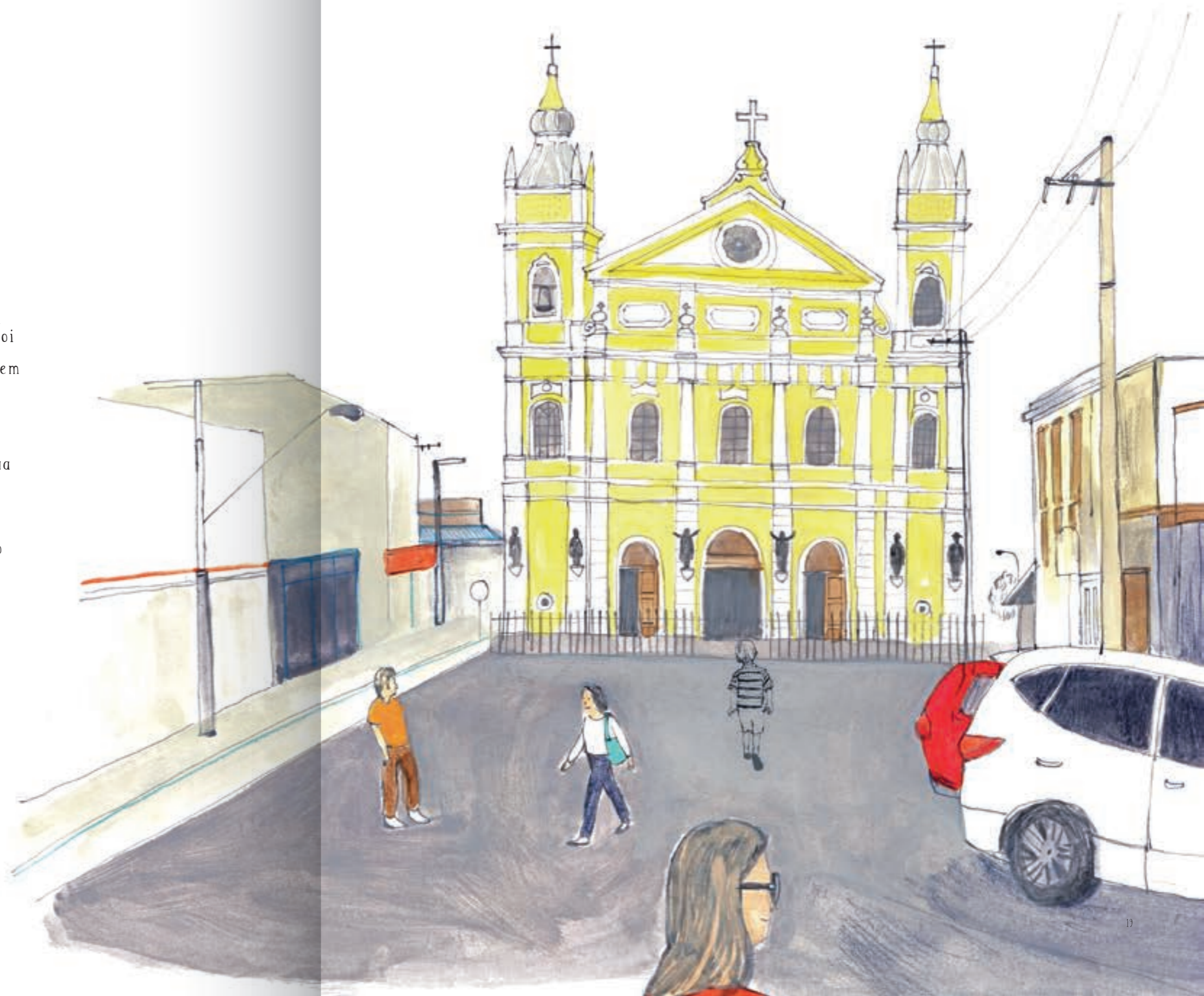
Em 1840, teve início a construção da Igreja de São José da Vila Real de Pindamonhangaba. Sua inauguração aconteceu oito anos depois. Ela foi erguida em taipa de pilão, uma técnica muito comum na época, que utiliza basicamente barro e madeira. O forro é de madeira e o piso revestido de ladrilhos hidráulicos.

A Igreja de São José é parte importante do nosso patrimônio histórico e arquitetônico, ainda que muitas obras feitas no interior e exterior tenham mudado a sua forma original. Ali estão enterrados membros da guarda pessoal do Imperador Pedro I. Eram jovens da terra que, quando o então príncipe da Colônia visitou nossa cidade, foram incorporados à guarda real de cavaleiros que o acompanhou até São Paulo. No caminho, eles presenciaram um grande momento da história do Brasil: o Grito do Ipiranga!

IGREJA MATRIZ

Situada na rua Prudente de Moraes, bem no centro da cidade, está a nossa Igreja Matriz, com seu nome comprido, que só vou contar no final. Ela foi construída no século XVIII. Mas no século seguinte foi reconstruída. Depois, ainda passou por uma reforma em sua fachada, e só em 1856 é que adquiriu sua forma atual, com duas belas torres e seis estátuas douradas que, na sua frente, dão boas-vindas aos fiéis.

Ah, faltou o nome completo, que é Santuário Mariano Diocesano de Nossa Senhora do Bom Sucesso.



Malha ferroviária

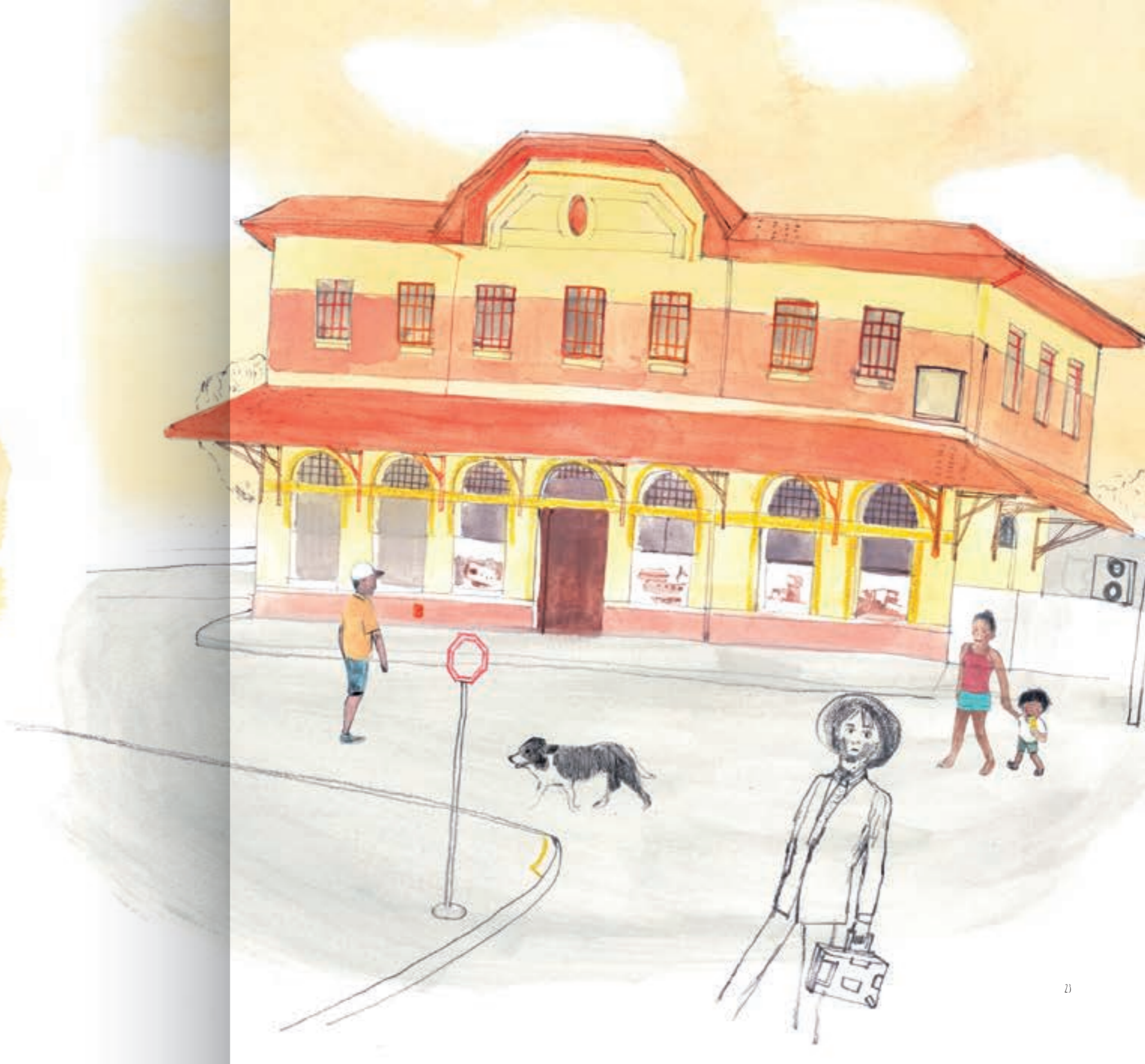


Vamos falar agora de trilhos e trens, de maquinistas apitando na curva da estrada. Tudo começa no século passado, quando as doenças respiratórias, como a tuberculose, eram um grande problema de saúde pública. Como o ar puro é remédio, várias clínicas foram criadas na região de Campos do Jordão. Mas como fazer para levar todos os enfermos até lá? Os médicos Emílio Ribas e Victor Godinho tinham a resposta.

- Eles irão de trem.



As obras da Estrada de Ferro Campos do Jordão começaram em 1910. E, a partir de 1914, as máquinas a vapor começaram a operar. Mas imagine que, naquele tempo, elas levavam até 12 horas para completar o trajeto de 47 quilômetros de Pindamonhangaba a Campos do Jordão. Quem vai ao centro da cidade, pode ver o belo prédio da estação com painéis de azulejo que mostram os primeiros trens. Que aventura foi fazer os trilhos subirem a serra.





Hoje, esse passeio é uma grande atração turística. Tanto para crianças, como para adultos. Os alunos de Pinda adoram fazer essa viagem. Não é para menos, os vagões são lindos, todos de madeira antiga, avermelhada. E a paisagem, é mais linda ainda. O bondinho, como é carinhosamente chamado, cruza matas, pontes, cachoeiras. Bem-te-vis, sabiás e curiós fazem a trilha sonora dessa viagem deliciosa, tão gostosa que uma menina de 10 anos me disse assim:

- É muito bom! Se a professora deixasse, a gente vinha todo dia.

Fazenda Mombaça, Bairro Mombaça



A história da fazenda Mombaça é antiga, vem dos tempos do Brasil Colônia. Já no Império, ela pertencia a uma pessoa muito importante de nossa história, o Barão de Pindamonhangaba. Para falar de momentos mais recentes, alunos e professores foram procurar alguém que tivesse trabalhado na Mombaça e que, mesmo bem velhinho, pudesse contar boas histórias.

Eles encontraram o avô de um aluno, o senhor Antônio Rodrigues da Silva, de 94 anos. Ele foi funcionário da fazenda no século passado. Muito lúcido, lembrando-se de vários detalhes, esteve na escola Maria Aparecida Arantes para conversar com os alunos.



Nos tempos do seu Antônio, o forte da fazenda eram as plantações de arroz e de batata. Eram mais de 90 funcionários, e imaginem que eles colhiam mais de 20 mil sacos de arroz, que eram destinados à exportação. Anos mais tarde, eles também cuidaram da produção de leite.

Havia a casa grande, a residência dos donos e pequenas casas dos funcionários, que eram chamadas de colônias. Os funcionários eram muito unidos e se reuniam para festividades ou para rezar o terço e fazer novenas.



A fazenda tinha quatro silos onde era armazenado o capim para alimentar o gado. Da paisagem da memória de seu Antônio, ainda estão guardados o verde bambuzal e as muitas cerejeiras, que davam uma flor muito bonita.



A fazenda, que tinha três herdeiros,
começou a ser loteada em 1994.
Os funcionários ganharam suas casinhas.
Eles foram os primeiros moradores de um
bairro que cresceu muito. Hoje, tem alguns
condomínios e um variado comércio, além
de escolas, praças, centro comunitário,
biblioteca, espaços religiosos e comerciais,
como farmácia, mercadinhos, padarias e
bares. Agora é um bairro de verdade.



Bosque da Princesa



Poucas cidades têm o privilégio de Pindamonhangaba, que é possuir um grande parque no centro da cidade. Aconteceu assim: estávamos no século XIX e a Princesa Isabel, filha do nosso rei, Pedro II, já casada, disse que gostaria de visitar Pindamonhangaba. Foi um alvoroço. O riquíssimo Barão da Palmeira, que iria hospedar a princesa, e por sinal gostava muito de plantas, mandou comprar um grande terreno, de 450 mil m², que ia do seu palacete até a margem do rio Paraíba do Sul, e o preparou para que, ao longo da estadia, ela tivesse um local aprazível para fazer seus passeios.

Hoje essa mata está rodeada de casas e prédios. Mas no passado até os jacarés passeavam por aqui, de olho nos cascudos e mandis. Ouvi dizer que a jaguatirica habitava a mata. E a onça parda caçava pacas e capivaras. Na curva que o rio faz, ficava o antigo porto fluvial, por isso essa região era chamada de Largo do Porto. Aqui é uma região de lazer dos pindamonhangabenses (como dizem, pindense é só uma marca de café), pois além da bonita vista do nosso rio, há também lagos artificiais, pontes, coreto, academia da terceira idade, biblioteca e o melhor de tudo: um parquinho para a criançada brincar.



Voltando ao passado, no século XIX aquela região beira-rio recebeu um grupo de cientistas franceses, que ajudaram a fazer seu traçado. Na bagagem, trouxeram árvores de todo o mundo, como eucalipto, santa bárbara, lírio do brejo e leucena, que foram plantadas ali e deram um colorido especial à mata, convivendo com os brasileiríssimos pau brasil, angico, embiruçu, pau ferro e tamarindo. Mas é bom que as espécies estrangeiras fiquem quietinhas somente no bosque, pois como *espécies invasoras* elas podem causar problemas ambientais

Museu Histórico e Pedagógico



Nosso museu está no centro da cidade, numa casa muito grande, o Palacete Visconde da Palmeira. Antes de ser museu, foi a residência do nosso visconde. Mais tarde, seu genro, o Barão de Lessa, comprou a propriedade para que ali fosse feita uma escola importante: a Escola de Pharmacia e Odontologia. Reparem a ortografia da época, farmácia ainda tinha o “ph”. Depois da faculdade, foi ginásio municipal, ginásio estadual e a Escola Normal João Gomes de Araújo. Quanta coisa!

A história é longa mesmo. A Santa Casa de Misericórdia, que foi uma das donas do imóvel, vendeu-o para a Prefeitura, na condição de que fosse doado para o Estado de São Paulo. Em 1957, a destinação para o museu já estava sacramentada. Mas o processo para que virasse museu foi demorado, precisou de obras, de muitas restaurações e de um trabalho grande de coleta de acervo. Acervo é o conjunto de coisas que o museu guarda.

No nosso caso, são fotografias, documentos, publicações, móveis, máquinas e pequenos objetos que ajudam a contar os três séculos de história de Pindamonhangaba.

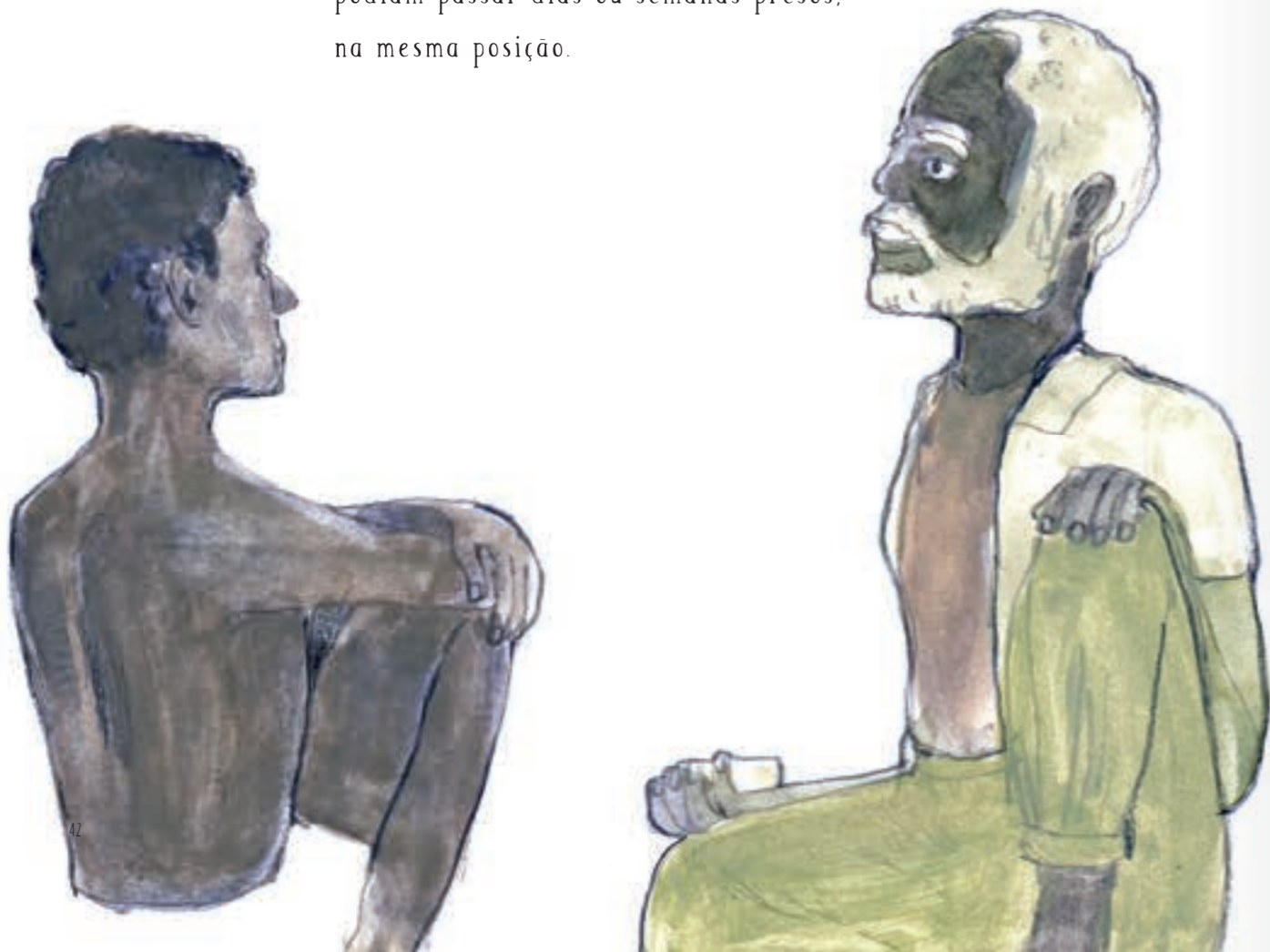
Você sabia que o museu foi “tombado” pelo patrimônio histórico estadual, o Condephaat? Mas fiquem tranquilos, nada será destruído. Muito pelo contrário. Quando se trata de patrimônio histórico, “tombar” não significa jogar ao chão, derrubar, demolir. O sentido é outro, o prédio tombado é aquele cujas características ninguém pode alterar e que deve ser protegido e cuidado por toda a população.

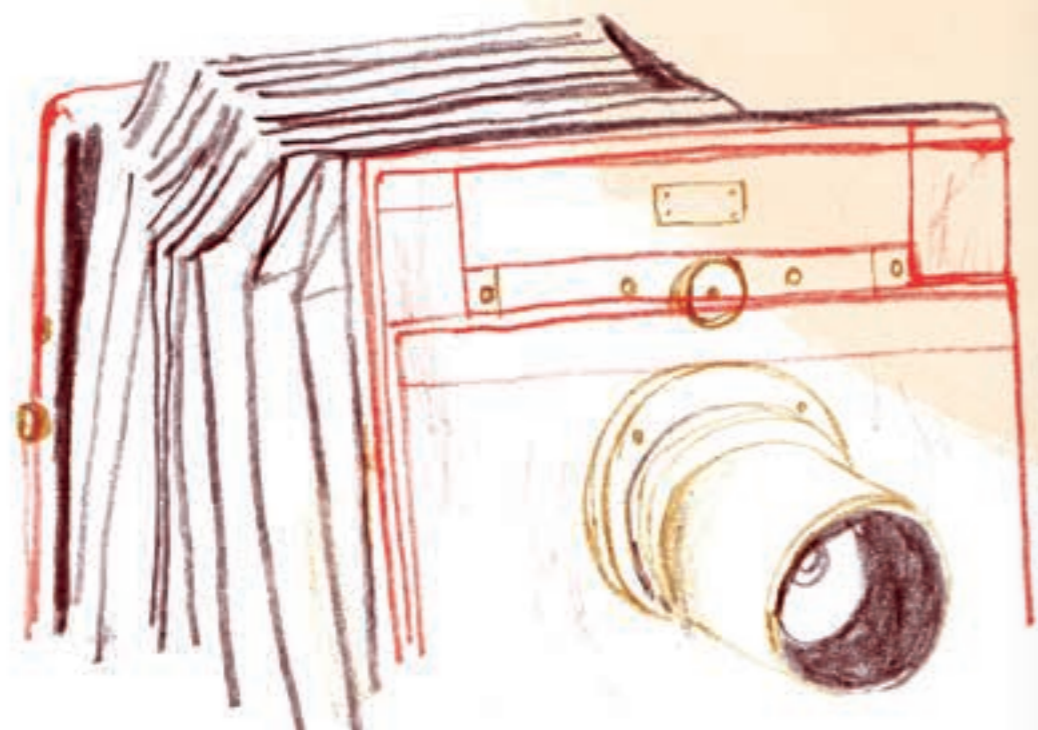
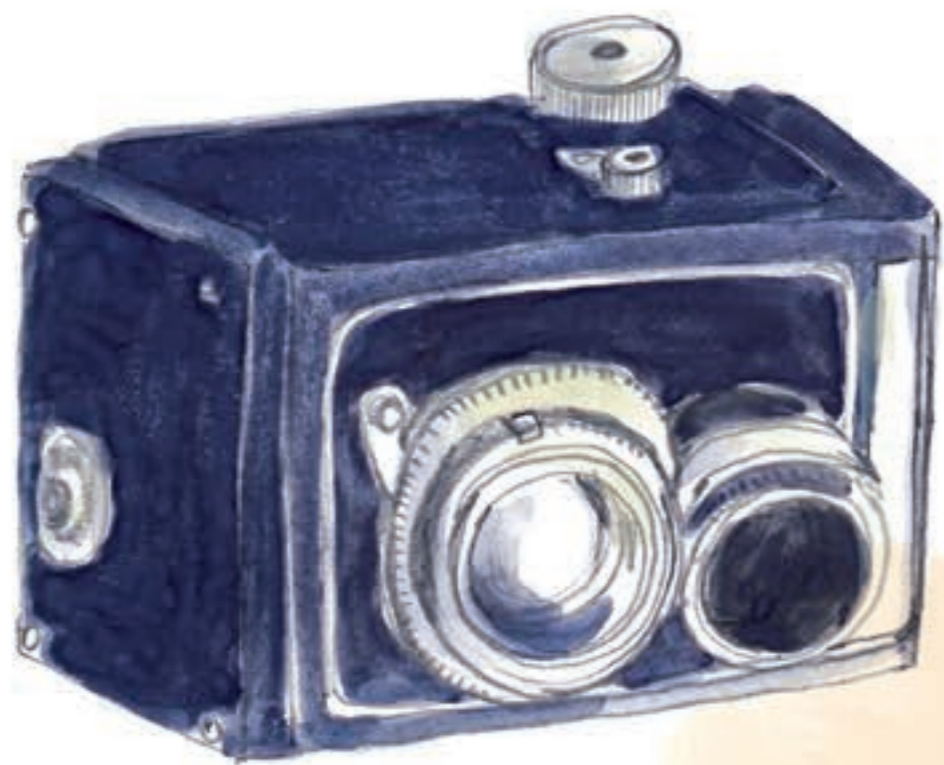


Além das belas pinturas e da escadaria iluminada por uma abóbada de vidro, vamos encontrar objetos muito diversos no Museu Histórico. Incríveis carruagens, materiais farmacêuticos, cartazes, selos, capacetes, armas brancas e de fogo que foram usadas na Revolução Constitucionalista de 1932. Além das antigas máquinas que ajudavam a imprimir o jornal *Tribuna do Norte*. Elas estão expostas no porão, onde ficava a antiga senzala.

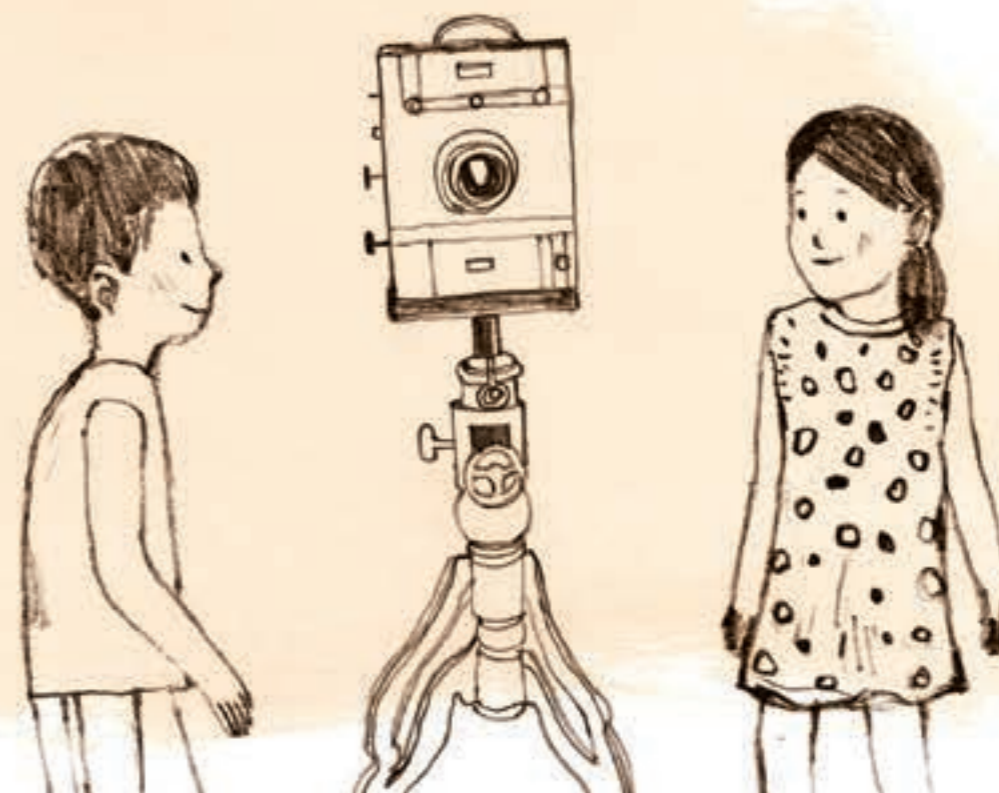


O que também chama muito a atenção são as esculturas representando os escravos. Você sabia que o Brasil foi o último país independente das Américas a abolir a escravatura? Aqui em Pindamonhangaba podemos ver marcas desse triste passado, com objetos de prisão e de castigo, como um tronco de madeira onde os cativos podiam passar dias ou semanas presos, na mesma posição.





Reaberto em 2008, o belo prédio de 60 janelas possui uma imponente sacada, com bela vista para o Bosque da Princesa, a várzea do rio e, ao fundo, a Serra da Mantiqueira. Entre objetos curiosos, que podem ser considerados pioneiros das tecnologias de comunicação, estão as máquinas fotográficas, que usavam chapas ou rolos de filme fotográfico. Depois de passar por banhos químicos, as fotos eram passadas para o papel. Ainda molhadas, ficavam penduradas em pequenos varais nos laboratórios. Os inventores da fotografia jamais poderiam imaginar que em menos de 200 anos as câmeras fotográficas seriam tão populares. Hoje existem bilhões espalhadas pelo mundo, embutidas nos telefones celulares.





Na nossa culinária, a contribuição dos tropeiros e boiadeiros foi muito importante. Séculos atrás, eles aprenderam com os índios a fazer um prato bem divertido feito à base de içá. Alguém sabe o que é içá? É a fêmea alada da saúva, também conhecida como formiga-da-roça, formiga-cabeçuda, cortadeira, carregadeira, picadeira e formiga da taboca e da mandioca. Vem o fim do ano, as iças começam a voar, procurando lugar para construir novos formigueiros. Aí a criançada faz festa, coletando os ingredientes para essa receita muito antiga e muito gostosa. O escritor Monteiro Lobato, pai da nossa literatura infanto-juvenil, adorava essa farofa, e a comparava a uma comida cara e muita apreciada na



Rússia, o famoso caviar.

Ingredientes

Formiga tipo içá, óleo, farinha de mandioca, cebola (opcional) e sal

Modo de preparar

Lave bem as formigas e use só seu abdômen, popularmente conhecido como "bundinha de tanajura, que é considerada a melhor parte. Em uma panela grande, aqueça o óleo e coloque bastante sal. Alguns colocam a cebola para refogar, outros já levam as içás diretamente para a gordura quente. Elas vão pipocar e inchar. Deixe fritar até a casca ficar dura e crocante. Este é o ponto e a hora de adicionar farinha de mandioca aos poucos, mexendo bem, até virar uma farofa.



FAROFA DE IÇÁ

Chega o mês de novembro
E se agita a criançada.
As içás estão voando
E vai começar a caçada.

Içá é formiga alada,
Também chamada tanajura.
O índio foi quem descobriu
Que ela é uma gostosura.

Seu preparo? Ah, coisa fácil:
Do inseto tiramos a bundinha,
Juntamos sal, cebola, óleo
E, da mandioca, a farinha.

Pegue os traseiros das formigas
E, na água, deixe ferventar,
Num fogo brando, muito brando
Até todo o líquido secar.

Agora ponha óleo na panela
E deixe tudo bem fritinho
Junto com a cebola e a farinha,
Mexendo, mexendo, com carinho.

Não é mesmo uma maravilha?
A formiga, iguaria vira
E já dizia o escritor Lobato
Isso é o "caviar" do caipira.

Pra quem não conhece o prato russo,
Citado pelo criador da Emilia,
Não importa, siga em frente.
Ponha na mesa e chame a família.



O BIJU

Esse tipo de biscoito doce e crocante, quebradiço, é conhecido em todo o Brasil e leva muitos nomes. No Nordeste é o cavaco chinês. No Sul é a encrenca. E no Sudeste, não há ninguém que não tenha provado o biju, o biju doce. A professora mandou avisar para não confundir com o beiju de tapioca nordestino, que é feito a partir da mandioca e tem recheio.

Em Moreira Cesar, até hoje aparecem os vendedores de biju, tocando seu triângulo - às vezes uma matraca - e vão chamando a meninada.

- Pai, me dá moeda pra comprar biju?

Ingredientes

60g de farinha de trigo,
60g de manteiga,
60g de açúcar,
3 colheres de sopa de
glucose de milho

Preparo

Junte a manteiga já derretida, a glucose e o açúcar. Misture bem e junte a farinha de trigo. Coloque a massa aos poucos na assadeira e leve ao forno médio pré-aquecido (mais ou menos a 190 graus). Deixe assar entre 5 e 8 minutos, até que fique dourado, e tire a massa da assadeira com uma espátula. Deixe descansar por um minuto - e você aproveita para descansar também. Então, enrole a massa num cabo de colher de pau. Se ela esfriar e ficar durinha antes de enrolar, é que deu errado, a vaca e o biju foram pro brejo. Não force o enrolamento. Volte ao forno para que aqueça outra vez. E, lembre-se, biju não é churros para levar recheio.

Se a gente fala em culinária, nas comidas da terra, não podemos deixar de lembrar o nosso Mercado Municipal. Lá encontramos uma grande variedade de frutas, legumes e verduras. Além de produtos regionais, como queijos, linguiças e rapadura. Como a página é pequena, passo logo a palavra para um garoto que gosta de poesia, o Gabriel Henrique Pereira dos Santos. Com a curiosidade de quem tem 9 anos, ele fez uma descrição divertida das transformações que ocorreram em nosso mercado.

MERCADO MUNICIPAL

No mercado tem de tudo um pouco.

Tem camisa de futebol para os fanáticos,
Com todos os times emblemáticos.

Se de pastel você não gostar,
Tem peixe pra degustar
É para casa levar.

Se em casa, faltar decoração
Meu amigo, não chore não.
Pois lá tem artesanato,
Feito com boas mãos.





Festas populares

FESTIVAL JUNINO

Há alguns anos, Pindamonhagaba trouxe uma inovação para as festas juninas: o trem do forró. O forró não é a música que anima os dias de São Pedro, São João e Santo Antônio?

Sim. Então, por que não colocar a sanfona, o triângulo e a zabumba dentro de um trem e levar todo mundo para o festival junino, montado todos os anos.

Os trens são decorados com o tema da festa e contam com uma banda de forró e monitores, que vão agitando a viagem, fazendo os casais dançarem durante o trajeto. E existe, ainda, uma opção para aqueles que preferem uma viagem mais sossegada, em um vagão sem sonorização.

FESTA DE SÃO BENEDITO E CAVALGADA

Centenas de pessoas participam da Cavalgada de São Benedito, realizada há mais de 30 anos pela família do saudoso José Neneca, junto com a Irmandade de São Benedito. O evento tem a participação de amazonas e cavaleiros que se reúnem para louvar o santo milagreiro, querido em todo o vale.

O cortejo de cavaleiros e charreteiros segue pelas ruas da cidade acompanhando a imagem do santo, que fica à vista de todos em um grande carro de boi. É a cidade toda que participa, gente que chega à janela, muitos que põem as cadeiras na calçada para acompanhar essa procissão que reúne animais e pessoas. Como os alunos das escolas públicas viraram craques em fazer acrósticos, reuni todos os que tratavam do assunto em um só. Será que ficou bom?



Acróstico da Cavalgada

*Cavalgada em Pindamonhangaba:
Amazonas e cavaleiros.
Vaqueiros e charreiros
Anualmente comemoram,
Louvam o santo.
Gratidão! Gratidão!
A Benedito dos pobres.
Dia de alegria, repicar de sinos.
A melhor festa da região*



FESTA DO DIVINO

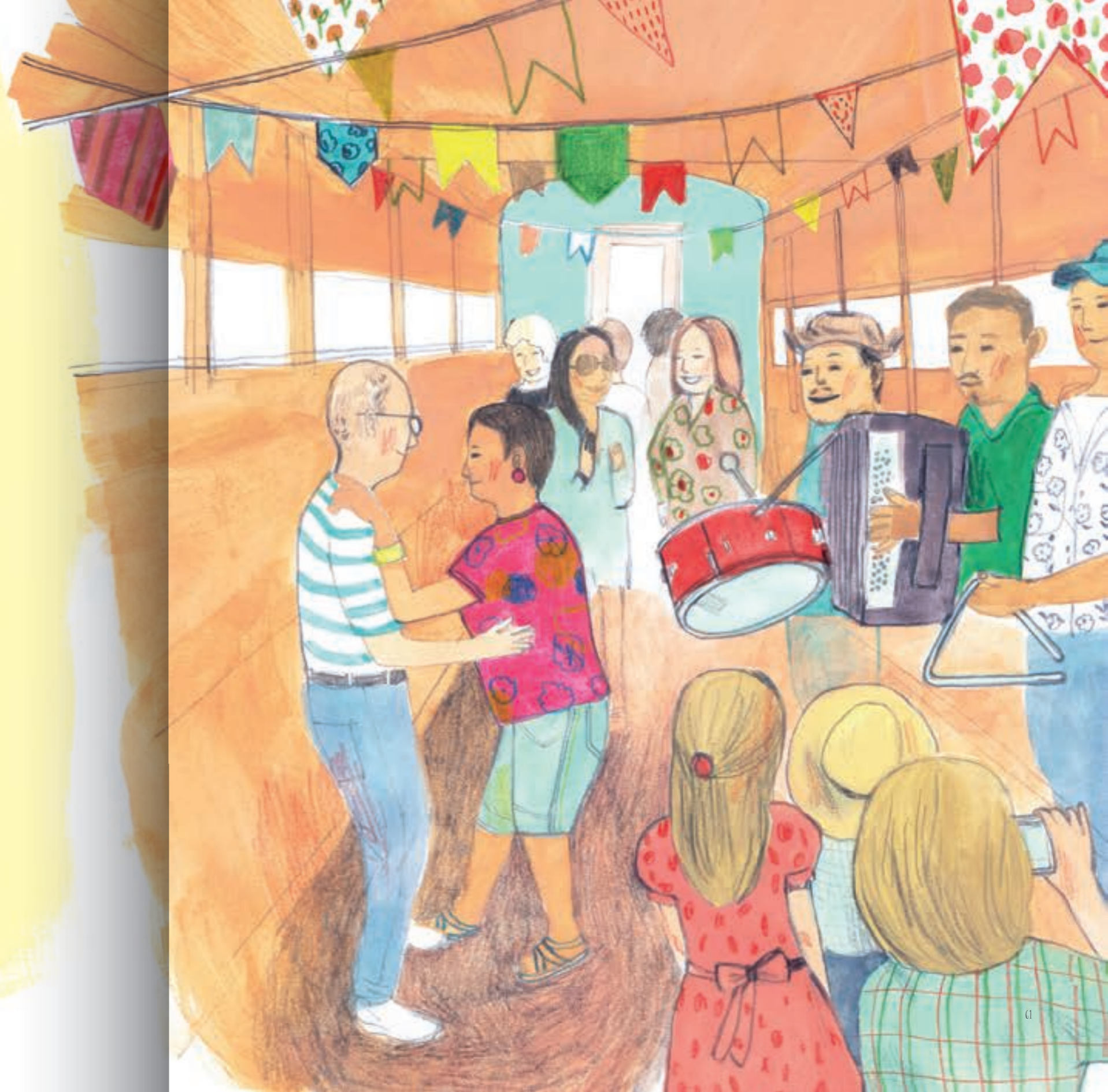
A Festa do Divino acontece sempre entre maio e junho. Tem missa, procissão e quermesse, com comidas, doces, jogo de bingo e muita gente boa tocando viola.

É uma festa bem brasileira, que pode ser encontrada tanto em Alcântara, no Maranhão, como na mineira Diamantina ou na gaúcha São Lourenço do Sul. Em nosso estado, Tietê, Mogi das Cruzes e São Luís do Paraitinga fazem grandes festas. E a nossa também é muito importante. Como mostra a poezinha de 9 anos, Andressa Elisa.

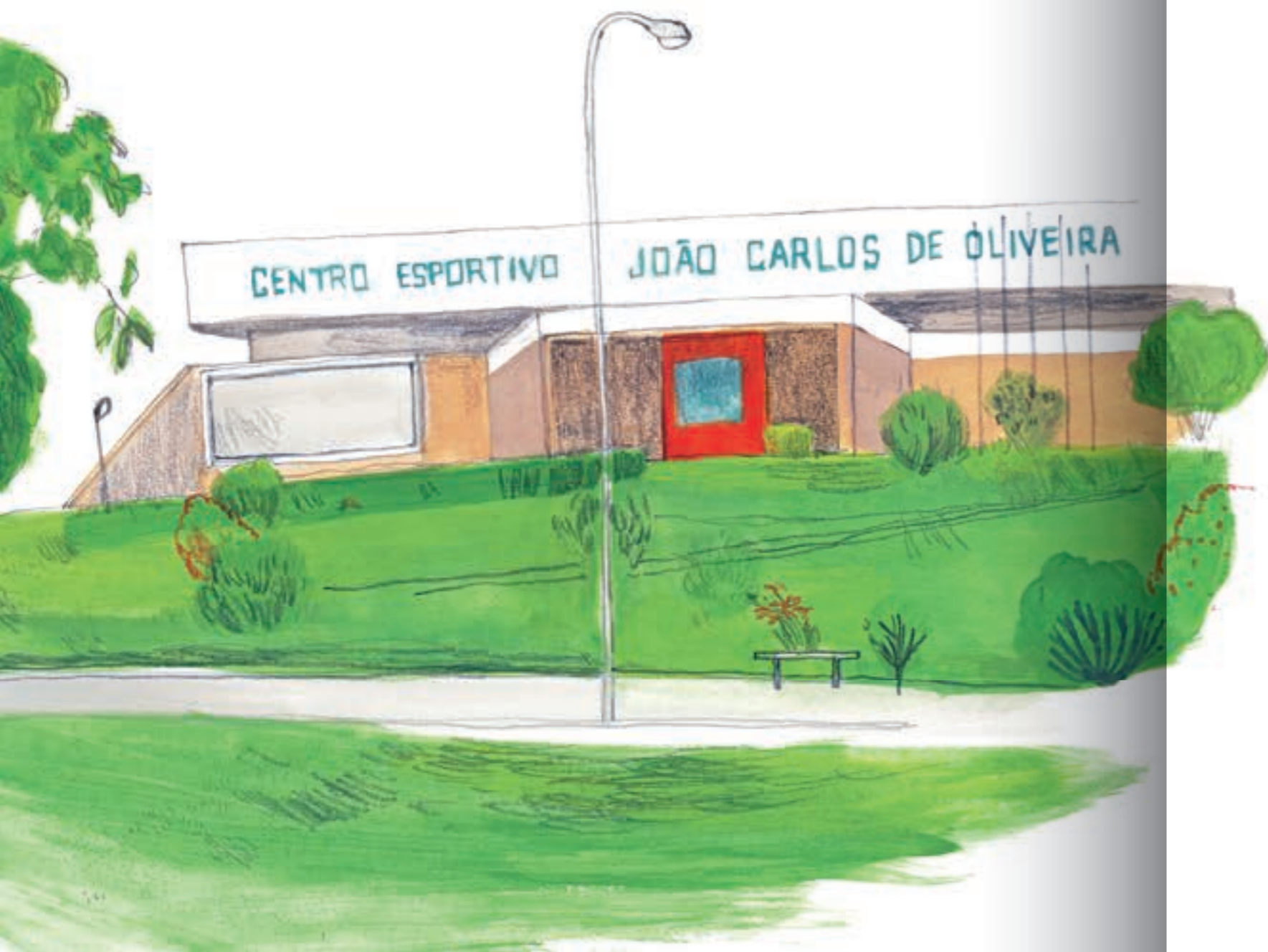
*Todo ano em Pindamonhangaba
A Festa do Divino acontece.
Não desmerecendo as outras festas
Essa é a que mais me apeletece.*

*Não resisto, compro mesmo
As iguarias da quermesse.*

*À tardinha, que maravilha,
A fé em procissão.
Nas ruas de nossa cidade
Com toda devoção.*



Centros esportivos



C.E. JOÃO DO PULO

Este centro esportivo fica no bairro São Benedito e seu nome é uma homenagem a um grande personagem da história brasileira nascido em nossa cidade. João Carlos de Oliveira foi um atleta fantástico, recordista mundial no salto triplo, medalhista olímpico e tetracampeão pan-americano no salto em distância e no salto triplo.

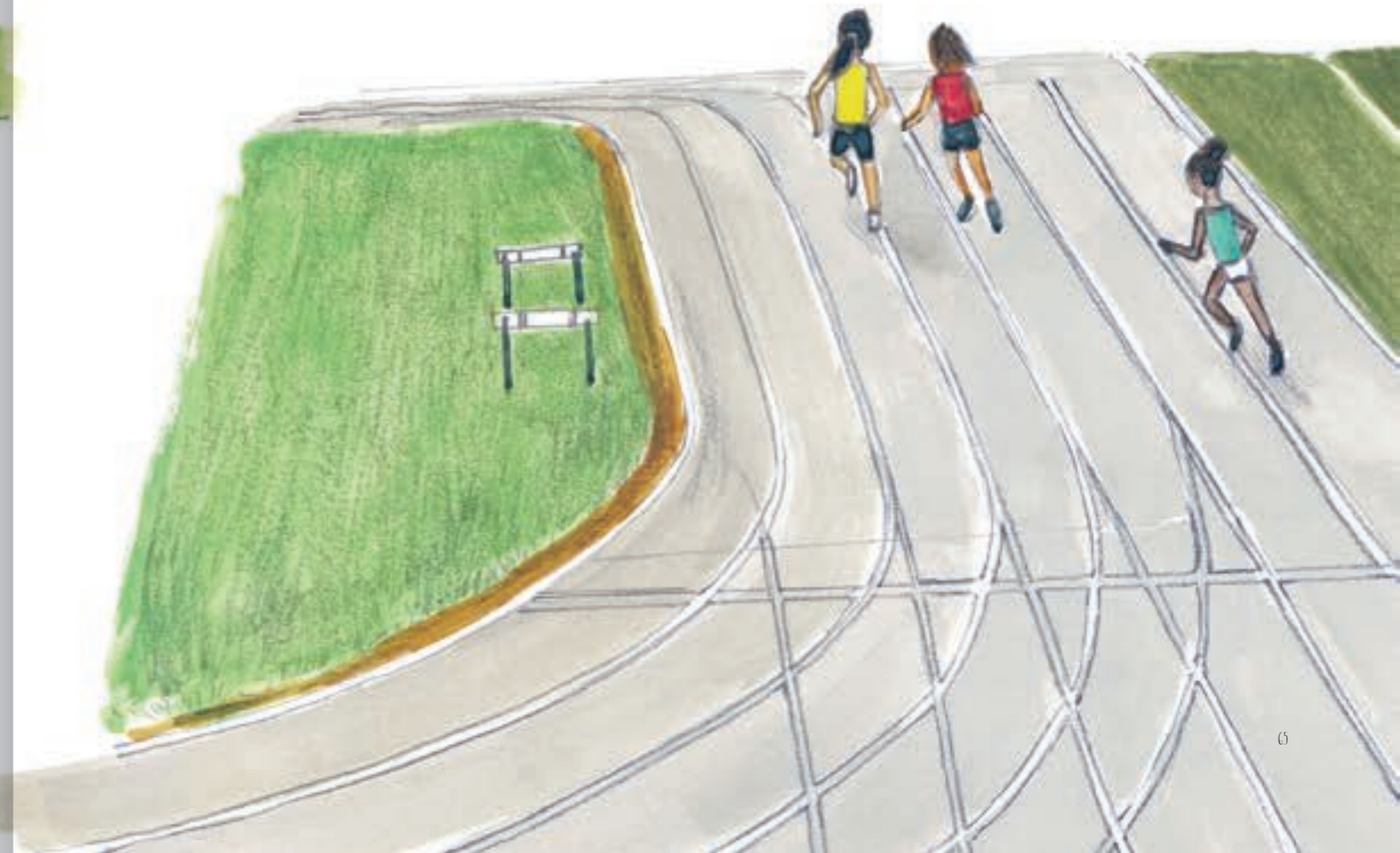
Além de reverenciar este belo exemplo para os jovens de Pinda, o C.E. João do Pulo oferece atividades muito variadas, é gratuito e aberto para toda a população. Aqui as crianças e jovens podem começar sua carreira esportiva através do atletismo, do basquete, da natação, do futebol, do futsal e do vôlei de praia.





C.E. ZITO

Este é outro grande centro esportivo no distrito de Moreira Cesar, o maior da cidade, com cerca de 40 mil habitantes. Além dos tradicionais futebol e futsal, o C.E. Zito oferece vôlei, judô, ginástica rítmica, handebol, tênis de mesa e atletismo.





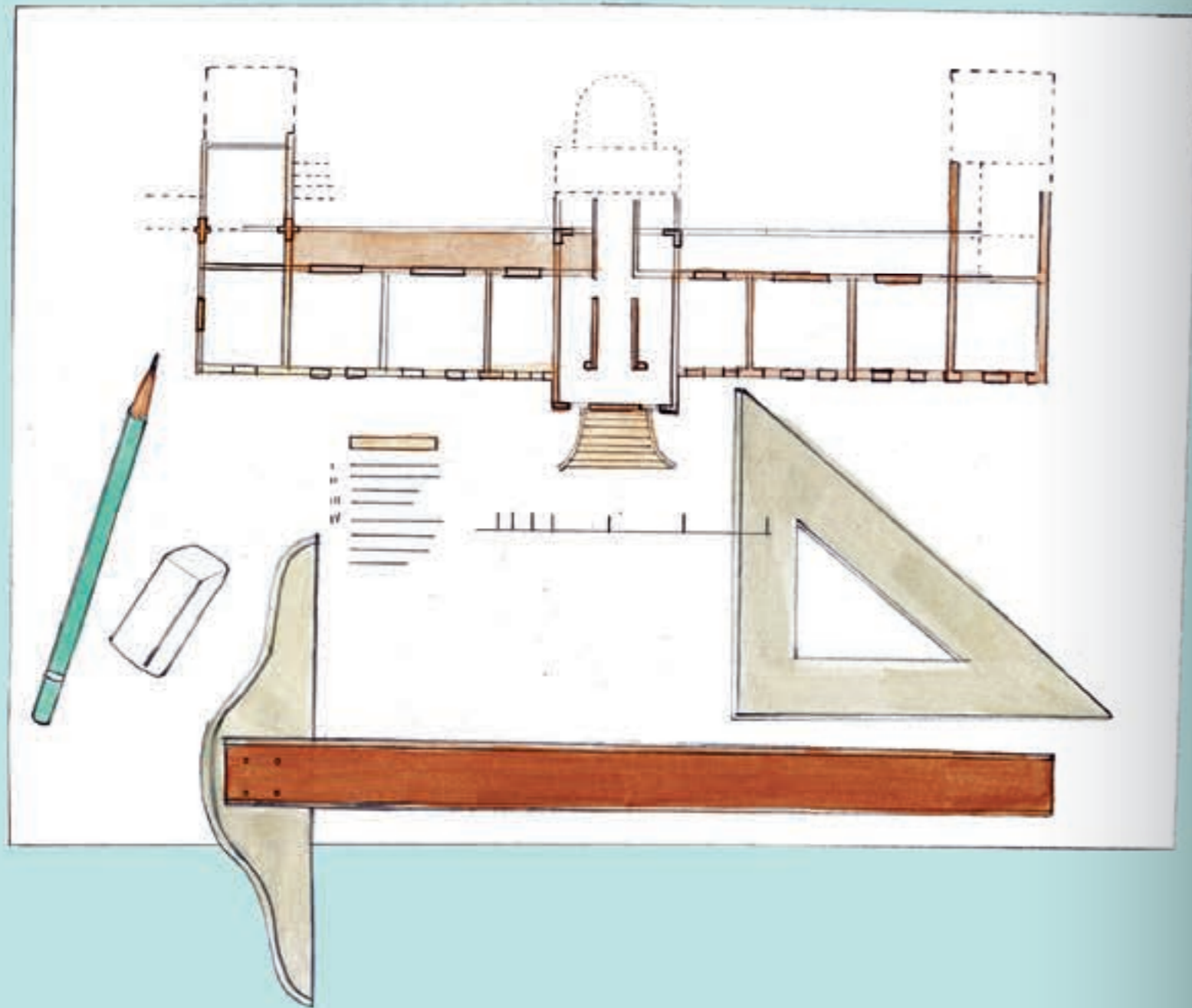
José Ely de Miranda, o Zito, nasceu em Roseira, mas passou boa parte de sua infância em nossa cidade. Adorava jogar futebol na rua. Como as bolas não eram tão fáceis de arranjar na década de 1940, Zito e seus amigos iam até o açougue pedir uma bexiga de boi. Soprada e amarrada, virava uma bola imperfeita, mas que garantia a diversão dos meninos.

Tanto amor e dedicação deram resultado. Depois de passar pelo time do Taubaté, o volante Zito foi jogar no Santos, e lá foi bicampeão mundial de clubes, ao lado do craque Pelé. Zito também foi titular da seleção brasileira, vencendo duas copas do mundo, em 1958, na Suécia, e em 1962, no Chile.

Escola Alfredo Pujol

Quem passar no centro da cidade, verá a Escola Alfredo Pujol, a mais antiga de Pindamonhangaba. Ela foi inaugurada em 1901 e, naquela época, como era comum, somente meninos podiam estudar lá. A alegre chegada das meninas e moças só aconteceu bem mais tarde. Por ser patrimônio histórico, suas cores não podem ser mudadas e, assim, a escola estará sempre pintada de branco, amarelo e cinza.

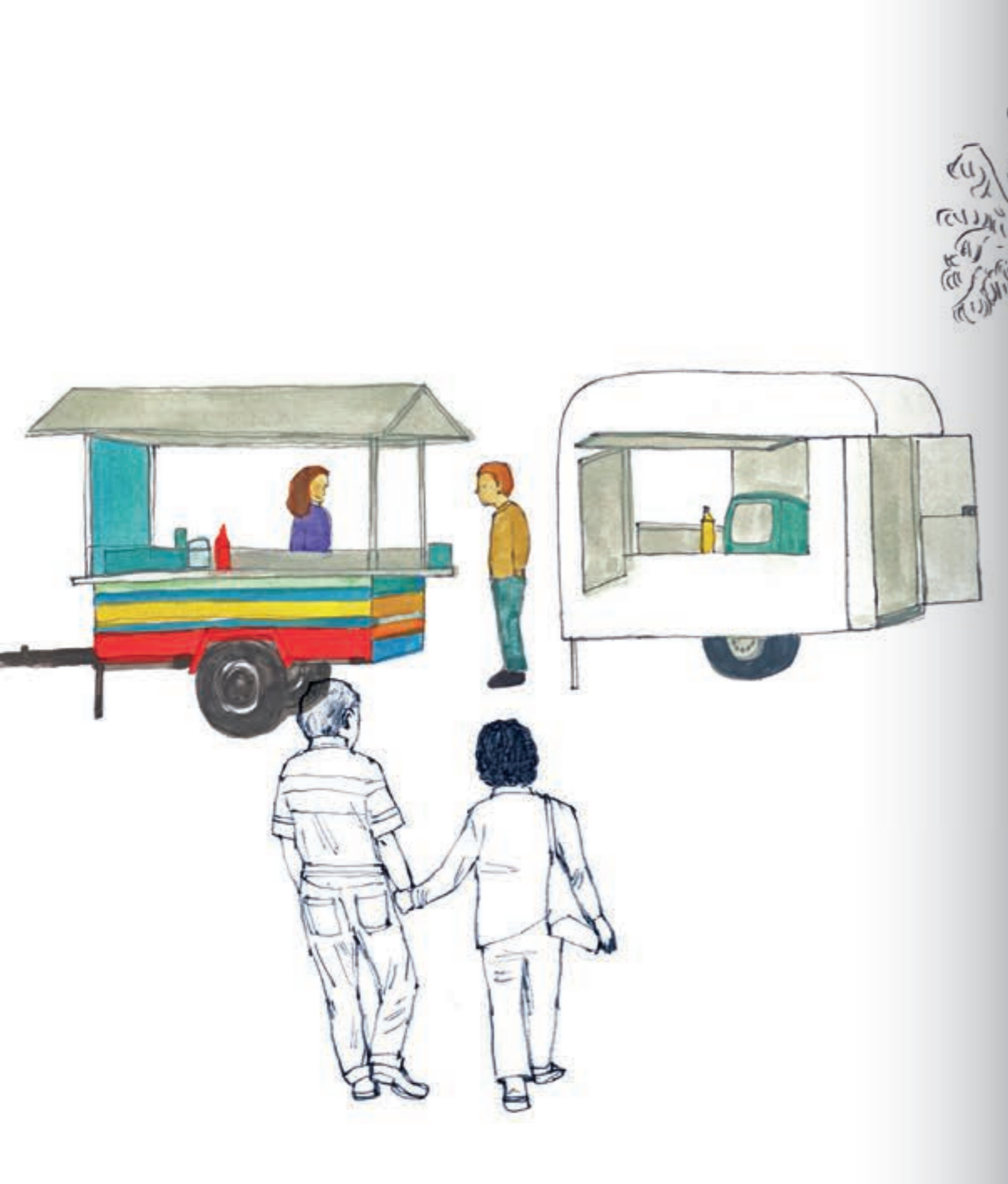




A Alfredo Pujol faz parte de um conjunto de 126 escolas públicas construídas pelo Governo do Estado de São Paulo entre 1890 e 1930 e que tem características comuns na cultura, história e arquitetura, desenvolvidas a partir de um projeto do engenheiro-arquiteto belga Jose van Humbeeck. Aliás, falando em gente conhecida, o escritor Euclides da Cunha, autor do fabuloso *Os Sertões*, que era engenheiro também, foi quem supervisionou a obra.



O nome atual faz homenagem ao advogado e político paulista Alfredo Pujol. Por causa da escola ser construída na região de um antigo cemitério, dizem que este seu patrono foi enterrado lá e que há anos vaga pelas noites, assombrando o local. Já o ouviram andando nos corredores e na biblioteca, de onde saem de madrugada estranhos estalos e pancadas na madeira. Mas isso é tudo lorota, pois o doutor Alfredo não foi enterrado ali e sim na cidade de São Paulo. De qualquer forma, se alguma criança corajosa quiser passar uma noite sozinha por lá, investigando a fundo essa história, é só escrever pedindo agendamento para a Secretaria Municipal, anexando sua carteira de estudante e a autorização dos pais.



Edição: Otavio Nazareth

Projeto gráfico: Daniel Brito

Ilustração: Nara Isoda

Revisão: Maurício Ayer

Produção editorial: Renata Sizilio

Tratamento de imagens e produção gráfica: Ângelo Baima

Impressão: TypeBrasil

Agradecimentos: Agradecemos a toda a comunidade de Pindamonhangaba, que nos recebeu de braços abertos e com muito interesse pelo projeto. Em especial, aos alunos, professores e funcionários das escolas participantes e à Secretaria Municipal de Educação. Além disso, a Alexandre Rocha, Denise Sannino Marcondes, Elaine de Abreu Prolungatt, Elisabete Martins Muniz Barreira, Elisa Maria de Melo Duque, Ione de Almeida Barbosa, Luciana de Oliveira Ferreira, Luciana Penina Teixeira, Marta do Nascimento Bicho Freitas, Patrícia Bitencourt Teles do Prado e Percília Jaqueline Plácido de Lima.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Odilio Hilario Moreira Junior CRB-8/9949

S237a Santos, José
Pindamonhangaba - A cidade da gente / José Santos ;
ilustrado por Nara Isoda. - São Paulo : Olhares, 2017.
76 p. : il. ; 21,5cm x 25cm.

Inclui índice.
ISBN: 978-85-62114-73-1

1. Literatura infantojuvenil. 2. Pindamonhangaba (SP).
3. História. 4. Educação. 5. Desenvolvimento social.
I. Isoda, Nara. II. Título.

2016-534

CDD 028.5
CDU 82-95

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantil 82-95



Patrocínio

Novelis

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Apoio

Gestão de patrocínios



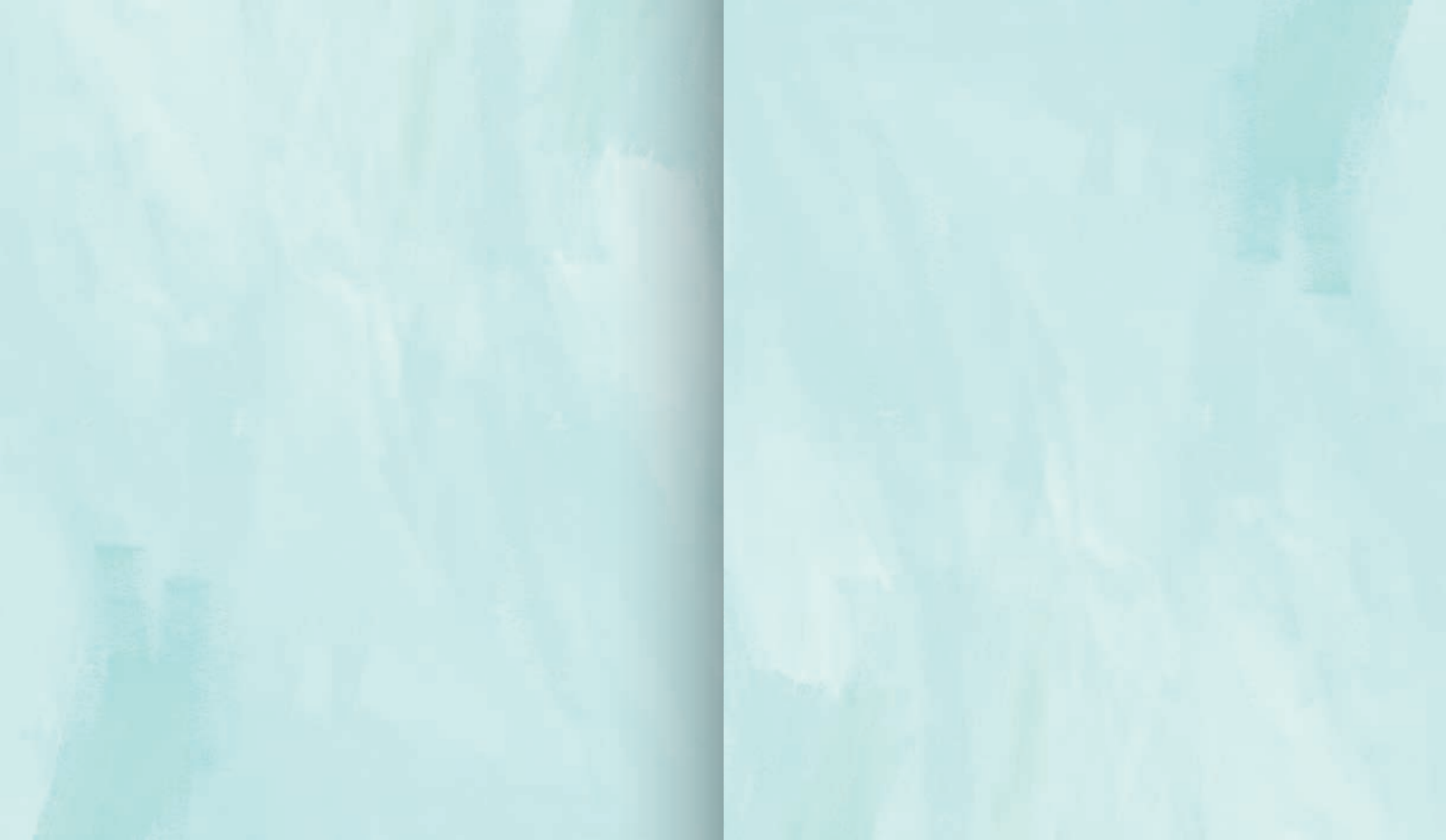
doble.
cultura



OLHARES

© 2017 Editora Olhares e autores.

Este livro foi composto em Gotham e Tall Abbey, impresso pela gráfica
TypeBrasil sobre papel offset Fosco 150g em outubro de 2017.





Era uma vez Pindamonhangaba.
Um dia a gente que morava lá
percebeu que a história da cidade
era a sua própria história...
A Serra da Mantiqueira, as
igrejas e casarões antigos,
o Bosque da Princesa e os
centros esportivos fazem parte
dessa história, contada com a
ajuda das crianças da cidade.

